

Casa Veva de Lima

Um Património doado à cidade

“Abre-se o pano... o creado negro de Veva de Lima corre os reposteiros misteriosos, atrás dos quaes vou encontrar a Artista(...). Agora é a escadaria (...) toda cheia de peles de tigres, listradas, estiradas, como se a alma das feras estivesse ali(...). E ao cimo começam os salões – uns salões diluídos em penumbras como certos feeries de Rafaelli, uns salões que são florestas d’Arte, arquipélagos de divans e de bibelots.”

João Ameal in *Ilustração Portuguesa*, 1921



Veva de Lima fotografada em sua casa por Cecil Beaton, em 1942



O Salão Império com os papéis Cupidon et Psyché

Júlio Marques, 1991, Dep. do Património Cultural

É assim que, em 1921, o jornalista João Ameal descreve a Casa de Veva de Lima. Hoje, ao passarmos os “reposteiros misteriosos”, ainda entramos no seu universo. Um espaço que nos conduz por um percurso só compreensível no contexto da obra e da figura da escritora. Genoveva de Lima Mayer Ulrich – de seu nome literário Veva de Lima – nasceu em 1886, filha de Carlos Mayer. Foi poetisa, conferencista, novelista e dramaturga, celebrizando-se também pela colaboração na imprensa. Famosa pelo brilhantismo do seu discurso e pela sua forte intervenção social, manteve entre os anos 20 e 40 um salão literário, no qual reuniu no-

mes destacados da intelectualidade lisboeta.

Veva de Lima faleceu em 1963 e, nos anos 80, por iniciativa de sua filha Maria Ulrich, foi doado parte do espólio da casa à Câmara de Lisboa. O Município adquiriu o edifício e participou na criação de uma associação que perpetuasse a memória da escritora, através da realização de debates e saraus culturais, contrariando, desta forma, uma mera musealização do espólio como Casa-Museu.

O espaço evoca a sua vida na vertente artística, familiar e social, transformando-se numa daquelas casas que, segundo Bachelard, “mais que a paisagem, reflectem a alma” de quem lá viveu.

O primeiro contacto com o interior do edifício ocorre no vestíbulo e na escadaria. Estes assumem a importância de “coração da casa”, iniciando o visitante no carácter cenográfico recorrente na decoração. As paredes sugerem escaíolas de gosto pompeiano e a espacialidade revela-se numa teatralidade implícita nas cortinas de veludo vermelho, na iluminação direccionada e na utilização de materiais efémeros e cénicos, materializando um locus trágico, que surge descrito em vários textos da escritora⁽¹⁾. É em torno deste espaço central que se desenvolve o piso nobre, numa sucessão de salas temáticas: a Sala de Jantar neoclássica, a Sala Amarela, dominada ori-

ginalmente por uma grande fonte de gesso – funcionava como sala de distribuição – e a Sala Vermelha em estilo francês. O Salão Império é o maior destes espaços e o mais importante ao nível da interacção entre as escolhas decorativas e a personalidade de Veva de Lima. A Sala Verde é rasgada por uma larga janela de onde a escritora via o Tejo, tendo sido transformada, em 1946, numa sala de estilo flamengo, decorada com tapeçarias e pinturas da escola holandesa. Finalmente, a Sala Chinesa, a partir da qual acedemos à zona dos quartos, do toucador e da casa de banho, composta em torno de uma banheira em forma de concha, numa original sugestão do *Nascimento de Vénus*, de Botticelli. A casa guarda também um conjunto de

Merry-Joseph Blondel e Louis Laffite. Adaptando esquemas compositivos de pinturas de Gérard e de Prud'hon, colocaram nas suas composições objectos clássicos e do estilo Império então em voga, sintonizando as suas imagens com a época. Por serem de fácil deterioração, foram sucessivamente reeditados até 1923.

Cada cena está enquadrada com colunas escaioladas, em sintonia com os interiores representados. A colocação dos papéis não se orientou pela sequência narrativa das cenas, mas sim pela criação de uma simetria espacial, dispondo cada episódio aleatoriamente, sacrificando-se a narração pelo espaço. No entanto, tanto nos anos 20, como na redecoração de 1946, os painéis rege-

nhadas de um registo fotográfico e alteraram o programa decorativo existente – com a introdução de novos esquemas de iluminação, a desactivação das fontes do vestíbulo, a eliminação de algumas escaiolas, a substituição de revestimentos têxteis ou a intervenção na casa de banho de Veva de Lima, na qual foram ocultadas as pinturas originais.

Hoje urge pensar a Casa Veva de Lima. É imperiosa uma acção de restauro antecedida de uma intervenção que consiga travar os graves problemas estruturais do edifício. Caso contrário, comprometer-se-á a conservação do espólio, principalmente dos revestimentos parietais: escaiolas, tapeçarias e papéis de parede. Do conjunto de papéis, o caso mais preocupante é a conservação de *Cupidon et Psyché*, por ser raro e pela importância de que se reveste, contextualizado no espaço. Por isso, uma intervenção especializada e a substituição dos originais por réplicas até à conclusão das obras preveniriam a perda irrecuperável deste património único em Portugal.

Toda esta acção integrada está finalmente a ser encarada pelo Departamento de Património Cultural da Câmara de Lisboa, de quem a casa depende, estando em preparação um caderno de encargos que permita, a curto prazo, viabilizar a realização das obras. Uma intervenção que, no entanto, não pode esquecer a unidade que existe entre a casa e a figura que a idealizou e habitou, tornando-a não apenas numa casa de artista, mas na obra dessa artista; uma cenografia habitável, na qual João Ameal reconhece “(...) uma afinidade íntima entre esse cenário e a sua obra. O seu cenário é mesmo uma grande obra de Veva de Lima (...)”.

Nota: Os autores agradecem à Directora do Departamento de Património Cultural da CML, Dr.ª Anabela Carvalho, e à Dr.ª Salette Salvado, do Grupo Permanente de Trabalho daquele Departamento, bem como à Fundação Maria Ulrich a disponibilização das fotos incluídas.

Notas:
 ① LIMA, Veva de – *O Último Lampadário*, Lisboa: [ed. do A.], 1917

MÁRIO GOUVEIA,
 MÁRIO NASCIMENTO,
 Técnicos da Câmara Municipal de Lisboa



Vista da escada principal

peças composto maioritariamente por pintura clássica europeia, mobiliário de várias épocas, têxteis e uma colecção de arte oriental. Complementa este espólio um vasto acervo documental, actualmente na posse da Fundação Maria Ulrich, cujo valor é indiscutível para a contextualização do conjunto. Uma das peças de maior importância no contexto das artes decorativas, pela sua relação com o tratamento espacial e narrativo da casa, é o papel de parede do Salão, intitulado *Cupidon et Psyché* ou *L'histoire de Psyché* – criado em 1816 pela manufactura Dufour e inspirado no romance de La Fontaine. As 12 cenas desta obra foram desenhadas por

ram sempre o tratamento do salão, tornando, hoje, este conjunto uma referência a nível internacional.

De notar a repetição de elementos dos papéis na composição geral do espaço: a braseira, o *lectus*, o mobiliário de estilo Império, os cisnes, as borboletas, materializando uma relação com os símbolos pessoais da escritora (o cisne e a borboleta) e com a sua personalidade. Após a doação, a Câmara procedeu a obras de conservação do edifício. Porém, as intervenções realizadas nem sempre respeitaram a unidade do conjunto, resultando daí uma intervenção casuística e não uma acção de restauro. As modificações não foram acompa-

Júlio Marques, 1991, Departamento do Património Cultural